



v. 8, n. 2: Memória e patrimônio cultural: espaços e práticas de difusão na contemporaneidade – 2019 – ISSN 2316-395X

Teatro Cultura Artística: a recuperação de um patrimônio

Teatro Cultura Artística: the recovery of a heritage

Teatro Cultura Artística: la recuperación de un patrimonio

Rosane Martins de Pietro¹
Rita de Cássia Giraldi²

Recebido em: 15/7/2019
Aceito para publicação em: 4/9/2019

Resumo: Este artigo trata do processo de reconstrução do Teatro Cultura Artística, inaugurado em 1950 em São Paulo. Com projeto arquitetônico de Rino Levi e mosaico do artista plástico Emiliano Di Cavalcanti, o teatro modernizou o padrão das salas de espetáculo e propiciou a popularização da cultura na região central da cidade. Em decorrência de um incêndio ocorrido em 2008, o edifício sofreu perda estrutural, mantendo íntegra somente sua fachada voltada para o espaço público, identificada pela memória paulistana no painel modernista de Di Cavalcanti. Fundamentada nas etapas do processo de tombamento histórico do teatro, a análise aqui apresentada discute correntes de preservação, técnicas de restauração e políticas de revitalização urbana praticadas na atualidade.

¹ Jornalista e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (USP). Linha de pesquisa: produção e circulação da arte.

² Livre-docente do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e professora do Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da USP.

Palavras-chave: arte; circulação da arte; cultura; reconstrução; restauração; revitalização; patrimônio histórico e cultural; urbanismo.

Abstract: This article deals with the reconstruction process of the Teatro Cultura Artística, inaugurated in 1950, in São Paulo. Having architectural project by Rino Levi and a mosaic by the plastic artist Emiliano Cavalcanti, the theater modernized the pattern of the concert halls and promoted the popularization of culture in the central region of the city. Due to a fire that occurred in 2008, the building suffered structural loss, maintaining only its facade facing the public space, identified by the São Paulo memory in Di Cavalcanti's modernist panel. Based on the stages of the historical process of the theater, the analysis presented here discusses preservation currents, restoration techniques and the urban revitalization policies practiced nowadays.

Keywords: art; art circulation; culture; reconstruction; restoration; revitalization; historical and cultural heritage; urbanism.

Resumen: Este artículo aborda el proceso de reconstrucción del Teatro Cultura Artística, inaugurado en 1950, en São Paulo. Con proyecto arquitectónico de Rino Levi y mosaico del artista plástico Emiliano Cavalcanti, el teatro modernizó el estándar de las salas de espectáculos y promovió la popularización de la cultura en la región central de la ciudad. Por causa de un incendio ocurrido en 2008, el edificio sufrió daños estructurales, manteniendo completa solamente su fachada, direccionada al espacio público, identificada por la memoria de São Paulo en el panel modernista de Di Cavalcanti. Basado en las etapas del proceso de tombamento histórico del teatro, el análisis presentado aquí discute las corrientes de preservación, las técnicas de restauración y las políticas de revitalización urbana practicadas hoy en día.

Palabras clave: arte; circulación del arte; cultura; reconstrucción; restauración; revitalización; patrimonio histórico y cultural; urbanismo.

INTRODUÇÃO

A definição de patrimônio histórico brasileiro foi formulada no Rio de Janeiro, em 30 de novembro de 1937, pelo Presidente Getúlio Vargas e por Gustavo Capanema, Ministro da Educação, por meio do Decreto-Lei n.º 25:

Artigo 1.º – Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937).

Os bens do passado são testemunhos das tradições dos povos. Cabe às gerações futuras reconhecer a responsabilidade sobre a preservação da autenticidade das obras feitas por seus antepassados. Salvar um bem material também significa manter viva a memória coletiva, pública, que fora construída como reflexo personificado do estilo de vida de um determinado período.

O objeto aqui analisado, o Teatro Cultura Artística, é apresentado como exemplo de arquitetura moderna brasileira evidenciada na década de 1950, época do funcionalismo, na qual “a cidade é um organismo produtivo [...], precisa se libertar de tudo o que emperra ou retarda seu funcionamento” (ARGAN, 1992, p. 263). Os elementos modernos do edifício – vão livre aberto, pilotis, ampla entrada pela rua, planta arquitetônica acompanhando a

geografia local e painel com figuras tipicamente brasileiras – comprovam a passagem para um período em que o sujeito não mais é espectador passivo perante um monumento; é convidado a se inserir nele, participar, dialogar e permear suas formas.

A CIDADE DE SÃO PAULO E A EFERVESCÊNCIA CULTURAL DO MODERNISMO

Nos seus três primeiros séculos, a cidade de São Paulo possuía relativa inexpressividade econômica. Somente a partir de 1870 São Paulo adquire características de entreposto comercial, com serviços de relativa importância regional avolumados pela estrada de ferro que escoava a produção de café do oeste paulista. Os fazendeiros do interior do estado, na maioria provenientes de imigração europeia, investiam em moradias na cidade de São Paulo, criando um centro logístico da produção movimentada nos trilhos ferroviários que recortavam o estado. De acordo com Toledo (2012, p. 16), “em 1890, São Paulo havia dobrado sua população”.

No ano de 1900 a eletricidade passou a disputar com o gás a iluminação pública da cidade e, por volta de 1907, o centro de São Paulo estava em franca expansão econômica, concentrando locais de comércio, negócios, bancos, armazéns e grandes empresas. A São Paulo das ruas estreitas e das casas modestas que existiu antes da Primeira Guerra Mundial, típica da agricultura do café e da aristocracia da terra, passava de um cenário latifundiário a uma cidade industrial, com comércio consolidado e com a maior densidade populacional do país.

O paulistano da década de 1910 era próspero. A estrutura capitalista e a quantidade de imigrantes residentes na cidade propiciaram o surgimento de uma elite de industriais apreciadora da literatura e das artes. Reuniões formadas por grupos de intelectuais eram comuns na década de 1910, criando interesse especialmente pela literatura e pela música. Nesse cenário de conferências culturais despontou a Sociedade Cultura Artística.

Os primeiros encontros ocorreram em 1912, na Rua Barão de Tatuí, na residência de Vicente de Carvalho, jornalista e político, que reuniu a “nata” de intelectuais, artistas e amantes das artes a fim de promover debates sobre o “descompasso da cidade que proporcionava o interesse pelos negócios e o desinteresse pelas artes nacionais” (ÂNGELO, 1998, p. 22).

Na primeira década da sociedade, eventos literários, saraus e recitais foram organizados por grandes escritores e intelectuais, entre eles: Afonso Arinos, Alfredo Pujol, Graça Aranha, Olavo Bilac, Martins Fontes, Coelho Neto, Armando da Silva Prado, Amadeu Amaral e Manuel de Oliveira Lima. Na época, a Sociedade Cultura Artística também promovia atividades musicais que eram apresentadas no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo por artistas de renome, como Antonieta Rudge, Guiomar Novaes, Magda Tagliaferro, João de Souza Lima, Villa-Lobos, Francisco Mignone e Bidu Sayão. Além das conferências literárias e do patrocínio de concertos musicais, a Sociedade Cultura Artística promovia as chamadas “Noites de Arte”, realizadas em palacetes nos Campos Elíseos. “Eram noites de festa, compostas de leituras de textos, recitais de piano e finalizadas com um luxuoso baile, onde participavam os sócios e seus convidados, vestidos a rigor” (ÂNGELO, 1998, p. 30).

As reuniões da Sociedade Cultura Artística seguiram na década de 1910, atingiram seu auge nas atividades intelectuais do modernismo paulistano (década de 20) e persistiram até meados da década de 50. Os avanços que as temporadas da sociedade trouxeram à vida paulistana na modernidade eram notórios.

Escrevia em 1942 Mário de Andrade: “Os sons ilustres da música internacional nunca teriam soado na cidade se não fosse o esforço e a dedicação da Sociedade de Cultura Artística”. Engana-se, porém, quem

pensa que os talentos brasileiros foram deixados de lado: Antonietta Rudge, Guiomar Novaes e Souza Lima foram alguns dos pianistas que participaram das temporadas da Sociedade (CULTURA..., 2002).

Na década de 1940, período pós-modernista, impulsionada pelo entusiasmo da indústria paulistana que buscava recuperação do tempo perdido na Segunda Guerra Mundial, a Sociedade Cultura Artística investiu na ideia de construir um espaço que popularizasse o teatro nacional, oferecendo opções mais acessíveis do que o elitizado Teatro Municipal de São Paulo. Em 1940 Esther Mesquita, filha de Júlio Mesquita, diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, encomendou o projeto do teatro da sociedade para o arquiteto Rino Levi.

Rino di Menotti Levi (1901-1965) nasceu em São Paulo. Concluiu os estudos em 1926, na Escola Superior de Arquitetura de Roma, e fez parcerias com arquitetos de destaque como Roberto Burle Marx, Roberto Cerqueira César e Zenon Lotufo. Na década de 40, Rino Levi era “o arquiteto da moda”, não somente pela eleição da elite paulistana, mas pelo grande acervo de artigos sobre arquitetura moderna, projetos de edifícios comerciais e salas de cinema que construíram uma identidade de destaque, aqui fidelizada pela frase de Fernando Serapião, crítico de arquitetura: “Rino Levi dedicou sua vida profissional à busca de uma arquitetura moderna adequada ao Brasil” (SERAPIÃO, 2001).

Acompanhando o desenho curvo da Rua Nestor Pestana, Rino Levi empenhou-se em uma criação arrojada, adequada à geografia local. A fachada do edifício recebeu espaço para um painel, igualmente curvo, de 40 metros de largura por 8 metros de altura: o “Alegoria das Artes”, mosaico figurativista do artista plástico Emiliano Di Cavalcanti.

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo (1897-1976), conhecido como Di Cavalcanti, foi um importante pintor modernista, desenhista, ilustrador e caricaturista brasileiro. Seu acervo contribuiu significativamente para destacar a estética brasileira por meio das suas reconhecidas cores vibrantes, formas sinuosas e temas tipicamente nacionais, como o carnaval, as mulatas e o tropicalismo. Entre suas várias atividades, o artista foi um dos membros organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, expondo 11 obras de arte e elaborando a capa do catálogo (GULLAR *et al.*, 2006).

Di Cavalcanti consagrou o espaço da fachada de Rino Levi com o maior painel da sua trajetória. Com pastilhas de vidro da empresa Vidrotil, criou um mosaico debruçado no tema “As dez musas da mitologia grega, inspiradoras das Artes e das Ciências”. Existe uma grande quantidade de estudos sobre a representação ousada das dez musas de Di Cavalcanti, bem como muitas inquietações em torno delas, uma vez que, na mitologia grega, nove são as musas inspiradoras das Artes e das Ciências, a saber: Clío (história), Euterpe (música), Tália (comédia), Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Erato (elegia), Polínia (poesia lírica), Urânia (astronomia) e Calíope (eloquência) (MOREIRA, s.d). O grande enigma a ser decifrado: qual seria a décima musa?

O painel de Di Cavalcanti e o projeto arquitetônico de Rino Levi exemplificavam o princípio de integração das artes vivenciado no modernismo paulistano, momento de grande florescimento cultural. Na época, dizia-se que São Paulo era “a cidade onde tudo era possível” (ÂNGELO, 1998, p. 15). Conclui-se, por meio de uma leitura diacrônica – ou seja, um estudo independente da cronologia histórica, que está inserido na vivência predominante de um determinado momento cultural – que Arte é o que é e está onde está.

Mais um elemento artístico fora somado ao projeto de Rino Levi e ao painel de Di Cavalcanti, pois em 8 de março de 1950 o Teatro Cultura Artística foi inaugurado ao som de Heitor Villa-Lobos e Camargo Guarnieri, dois dos maiores maestros e compositores brasileiros, interpretados pela Orquestra Sinfônica de São Paulo. Assim, o teatro fomentou um polo central de salas de espetáculos, impulsionando a formação de uma “ponte” entre os bairros da cidade e a região cultural do centro.

Mas o sonho da Sociedade Cultura Artística com seu próprio teatro durou pouco. Em 1955, alguns meses após o teatro ter completado seu quinto aniversário, o telhado da sala principal desabou. Algumas apresentações foram canceladas e outras foram transferidas para a sala menor do edifício³, gerando grandes problemas financeiros para os mantenedores. Em 1959, sem recursos, a sociedade decidiu arrendar seu teatro para a TV Excelsior, que ocupou o local por dez anos e saiu sob uma ação de despejo, devolvendo o espaço totalmente desgastado à sociedade.

Com o acirramento da censura determinada pelo Golpe Militar de 1964, a estética cultural foi atingida. Além da repressão ideológica, a ditadura exerceu restrição moralista, investindo contra sinais de liberdade no palco. A dramaturgia passou a ser expressa por meio de metáforas. Peças teatrais refletiam opções de estilo de vida alternativo, retratavam a homossexualidade e faziam apologia à pressão política com linguagem vanguardista e cenas de nudez apresentadas em pequenos teatros na região central de São Paulo.

Somente em 1977 o Teatro Cultura Artística retomou suas atividades. A sociedade abriu suas portas para patrocínios privados obtidos em bancos e grandes empresas nacionais e multinacionais. Com novo incentivo cultural, o Teatro Cultura Artística promoveu peças teatrais criadas por renomados dramaturgos e representadas por artistas consagrados, como Paulo Autran, Tônia Carrero, Sérgio Viotti, Cacilda Becker e Bibi Ferreira.

A partir de meados dos anos 1980, a Sociedade Cultura Artística passou por novas restrições econômicas, e as duas salas do teatro foram ocupadas por produções independentes, pequenas temporadas de espetáculos de teatro, música e dança. A Sociedade Cultura Artística isentou-se da programação cultural e restringiu-se à comercialização do seu espaço, seguindo assim por mais duas décadas.

No dia 17 de agosto de 2008, um incêndio destruiu o edifício de Rino Levi, mas foi contido antes de chegar ao painel de Di Cavalcanti na fachada. O incêndio ocorreu de madrugada e ninguém foi ferido. Na época, duas peças teatrais estavam em cartaz: *O Bem-Amado*, com Marco Nanini, na sala principal, e *Toc-Toc*, do diretor Alexandre Reinecke, na sala menor. As temporadas de concertos e balés que estavam agendadas foram transferidas para o Teatro Municipal e para a Sala São Paulo.

Até o momento, a causa do incêndio é desconhecida. Constatou-se que o incêndio partiu da cortina do palco principal (no fundo do edifício), porém não foi comprovado se ocorreu por um curto-circuito, pela queda de um balão ou pela explosão de um rádio no prédio vizinho. A possibilidade de o incêndio ter sido proposital ou criminoso ainda não foi descartada, nem comprovada. Na época, os documentos de segurança do edifício estavam válidos, contudo não foram divulgados os dados da apólice de seguro (valor do imóvel assegurado, instrumentos e arquivo histórico). A ação dos bombeiros foi imediata, o que preservou o mosaico “Alegoria das Artes”. Mas é fato que o trabalho foi prejudicado por conta de o hidrante da rua estar sem condições de uso em 2008, e assim permanece até os dias de hoje. A coluna de hidrante urbano localizada na esquina do quarteirão do Teatro Cultura Artística está fora dos padrões: além de estar pintada na cor rosa (o correto é utilizar a vermelha), ainda não possui a peça para encaixe da mangueira de água em um dos lados, provavelmente a tal peça que fez falta para os bombeiros no dia 17 de agosto de 2008 e que, talvez, teria salvado o edifício das chamas. A cena atual de abandono da área de entorno ainda é arrematada pela presença de placas de sinalização de rua na cor branca (indicadoras de área de tombamento histórico) amassadas e depredadas, na esquina formada pela Rua Nestor Pestana e pela Praça Roosevelt.

³ O Teatro Cultura Artística, na sua fundação, possuía duas salas superpostas: a Sala Esther Mesquita, com 1.156 poltronas, e a Sala Rubens Sverner, com 339 (CULTURA ARTÍSTICA, 2019).

A PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO MATERIAL COMO RESGATE DA MEMÓRIA

O artigo 1.º da Carta de Veneza, elaborada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, realizado em maio de 1964, apresenta princípios que regem a conservação e a restauração das obras monumentais que perduram no presente, como testemunho das tradições de cada povo:

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, assim como o lugar urbano ou rural que tem em si o testemunho da civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico [...] (in CHOAY, 2011, p. 216).

Após o incêndio, a Sociedade Cultura Artística demandou o processo de solicitação do tombamento histórico dos remanescentes do seu teatro. Anteriormente, durante os 58 anos de funcionamento, não se encontra nenhuma informação que demonstre iniciativa de “preservação oficializada” do local, um espaço extremamente atuante na trajetória cultural da cidade de São Paulo.

O primeiro nível de tombamento histórico do Teatro Cultura Artística foi atribuído em 2009 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), órgão que qualifica os patrimônios na esfera estadual. A justificativa de tombamento foi redigida pelo Gabinete do Secretário de Estado da Cultura:

O Teatro Cultura Artística desempenhou fundamental contribuição para a metropolização e internacionalização da cultura da cidade de São Paulo; O Teatro Cultura Artística, construído com esforço de gerações, abrigou atividades culturais que marcaram a cena paulista, durante décadas; O edifício que abrigou a sede da Sociedade Cultura Artística, projetado entre 1942 e 1947, é representativo do programa funcional de salas de espetáculo, tendo modernizado o padrão desse tipo de espaço na cidade; O prédio é de autoria de Rino Levi, arquiteto reconhecido por sua contribuição para a arquitetura brasileira do século XX; Integra fachada frontal do prédio, concebido pelo Arq. Rino Levi, o painel do artista Emiliano Di Cavalcanti; [...] a despeito de ter sido destruído por incêndio em agosto de 2008, manteve íntegra sua face voltada para o espaço público, com a qual é identificada pela memória paulista [...] (SÃO PAULO, 2009, p. 90).

O tombamento estadual inclui apenas a fachada remanescente do teatro e determina que a área envoltória dos remanescentes da Sociedade Cultura Artística fique restrita aos limites do próprio lote.

Em 2011 o Teatro Cultura Artística recebeu o segundo nível de tombamento, o municipal, concedido pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), detalhado na Resolução n.º 14/11:

CONSIDERANDO o Tombamento efetivado pelo Condephaat através da Resolução SC n.º 051 de 05/08/2009, referente à fachada remanescente do Teatro Cultura Artística inclusive os elementos de vedação e caixilhos que dela fazem parte, bem como, o Painel de Emiliano Di Cavalcanti; CONSIDERANDO ainda, o contido nos Processos Administrativos n.ºs 2009-0.357.450-7, que trata da instrução de tombamento do Teatro Cultura Artística; 2008-0.324.431-9, que trata da proposta arquitetônica para construção do novo Teatro da Sociedade Cultura Artística; 2009-0.216.570-0, que trata dos procedimentos de restauro do Painel Artístico e da fachada

do Teatro Cultura Artística e 2010-0.210.802- 7, que trata da demolição das estruturas remanescentes do Teatro Cultura Artística.

RESOLVE:

Artigo 1.º - Tombar “*ex-officio*”, conforme determina o Parágrafo Único, do artigo 7.º da Lei n.º 10.032 de 27 de dezembro de 1985 a fachada remanescente do Teatro Cultura Artística, inclusive os elementos de vedação e caixilhos que dela fazem parte, bem como, o Painel de Emiliano Di Cavalcanti que o integra, situado à Rua Nestor Pestana n.º 196, bairro da Consolação (Setor 006, Quadra 012, Lote 1019-0) do Mapa Oficial da Cidade de São Paulo, Subprefeitura da Sé.

Artigo 2.º - Estabelecer que a área envoltória dos remanescentes da Sede da Sociedade Cultura Artística, restringe-se aos limites do próprio lote SQL 006.012.1019-0 do Mapa Oficial da Cidade de São Paulo.

Artigo 3.º - O tombamento de que trata o artigo 1.º, utiliza-se dos estudos que acompanham à Resolução SC n.º 051/CONDEPHAAT de 05/08/2009, integrante do processo n.º 33.188/95.

Artigo 4.º - Qualquer projeto ou intervenção, incluindo pequenos reparos, na fachada identificada no Artigo 1.º desta Resolução, deverá ser previamente analisado e aprovado pelo DPH e CONPRESP (CONPRESP, 2011).

Em 2016 o Teatro Cultura Artística firmou seu terceiro nível de tombamento histórico, o nacional, relatado por Nestor Goulart Reis Filho e aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Após apresentação pelo Diretor do DEPAM, o relator passou à leitura do parecer, e após discussão, os Conselheiros aprovam por unanimidade o Tombamento da fachada e foyer do Teatro Cultura Artística, com inscrição no Livro do Tombo Histórico, e do Painel de Di Cavalcanti com inscrição no Livro do Tombo Histórico e no Livro do Tombo das Belas Artes⁴, nos termos do parecer do relator, bem como a poligonal de entorno (IPHAN, 2015).

A resolução do tombamento municipal (CONPRESP, 2011) mostra que a nova proposta do projeto arquitetônico (“os estudos”, assim redigido) é agregada ao tombamento, criando questionamentos sobre a possibilidade de uma obra futura ser inserida em um tombamento histórico. Podem-se compreender as questões relativas ao tombamento do Teatro Cultura Artística com um breve resumo de duas grandes doutrinas acerca de restauração de patrimônios históricos. A corrente anti-intervencionista (1850), simbolizada por John Ruskin (1819-1900), influente crítico de arte inglês, defende a preservação radical dos bens, na qual “não se tem o direito de manipular monumentos antigos, que pertencem, em parte, àqueles que os edificaram e, também, às gerações futuras. A restauração é impossível e absurda e rompe com a autenticidade da obra” (CHOAY, 2003, p. 156). Já a corrente intervencionista (1890), do arquiteto francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), considera que “restaurar um edifício é restituí-lo a um estado completo, que pode nunca ter existido em

⁴ O IPHAN cataloga os bens em quatro livros do tombo: 1) Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, que trata de vestígios da ocupação humana pré-histórica ou histórica, áreas naturais, ou criados pelo homem; 2) Livro do Tombo Histórico, que envolve bens culturais (móveis e imóveis) em função do valor histórico, cuja conservação seja de interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil; 3) Livro do Tombo das Belas Artes, que cuida das inscrições dos bens culturais em função do valor artístico (o termo “belas-artes” é aplicado às artes de caráter não utilitário); 4) Livro do Tombo das Artes Aplicadas, que são bens culturais catalogados em função do valor artístico, associado à função utilitária, como: arquitetura, artes decorativas, objetos, *design* e artes gráficas.

um momento dado” (CHOAY, 2003, p. 156). Sendo assim, se um edifício não continha todos os elementos necessários a compor um estilo, estes deveriam ser acrescentados no processo de restauração. Conclui-se, portanto, que Viollet-le-Duc fidelizou o tombamento do Teatro Cultura Artística com suas afirmações, em 1890.

Paralelamente às ações de tombamento, a Sociedade Cultura Artística tratou de restaurar e reconstruir seu patrimônio histórico então oficializado (ou seus remanescentes): o espaço vazio do teatro destruído, parte do *foyer* de entrada e o painel de Di Cavalcanti. A versão contemporânea do Teatro Cultura Artística provavelmente é repensada com base no mosaico de 1950, que resistiu às chamas de 2008. Apesar de entusiasmos intelectuais, crises capitalistas e mudanças culturais, o mosaico “Alegoria das Artes” manteve-se lá durante todos esses anos, com ou sem teatro. Assim, em 2011 a Oficina de Mosaicos iniciou o processo de restauração do painel. Com referência ao conceito de restauração abordado na Carta Internacional de Veneza, elaborada em 1964, entende-se que:

a restauração é uma operação que deve guardar um caráter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e sustenta-se no respeito da substância antiga e de documentos autênticos (CHOAY, 2011, p. 217).

A Oficina de Mosaicos é especialista em restauração de mosaicos desde 1982. Para restaurar o painel da fachada, a empresa fez um levantamento de danos dele, indicando áreas que haviam sofrido descolamento ou fissuração, tanto pela ação do tempo como pelo incêndio, e fotografou o mosaico para montar uma base gráfica do desenho. Identificaram-se 54 cores utilizadas por Di Cavalcanti em 1950. Após a pesquisa inicial, a equipe realizou um estudo detalhado dos originais, criando a remontagem dos desenhos no laboratório de restauro, e então novas peças foram assentadas nos locais de onde haviam sido retiradas. Vale comentar que as pastilhas substituídas no restauro do painel foram fabricadas pela Vidrotil, a mesma empresa que montou o painel em 1950.

Na 25.^a edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do IPHAN, em cerimônia realizada em Brasília no dia 24 de outubro de 2012, no Teatro Nacional Claudio Santoro, a Oficina de Mosaicos recebeu o “Prêmio de Ação de Restauro” do mosaico Alegoria das Artes, de autoria de Emiliano Di Cavalcanti, na categoria “Preservação de bens imóveis”.

A segunda parte da recuperação do teatro foi iniciada somente em março em 2018, passados dez anos do incêndio, quando a Sociedade Cultura Artística deu início à reconstrução do edifício do teatro. Recorrendo novamente à Carta de Veneza (1964 *apud* CHOAY, 2011, p. 217), salienta-se que os elementos inseridos em uma obra de restauração “devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se das partes originais, para que a restauração não falsifique o documento de arte e de história”.

Apesar de ter sido levantada a possibilidade de remodelação total do edifício, a nova versão do Teatro Cultura Artística preservará elementos estruturais do modernista Rino Levi no projeto contemporâneo do arquiteto Paulo Bruna⁵. A obra de reconstrução está a cargo da HTB Engenharia, grupo de construtoras de grande porte.

Após minucioso trabalho de prospecção de cores e revestimentos originais, o *foyer* térreo será restaurado conforme o projeto de 1950. As colunas do piso térreo serão recuperadas. Nesse pavimento serão criados espaços para livreria e café, com acesso tanto pelo *foyer* como pela rua, remetendo à ideia de funcionalidade da primeira versão do edifício.

⁵ Paulo Bruna possui graduação (1963) e doutorado (1973) em Arquitetura e Urbanismo pela USP. É professor titular em Arquitetura e Urbanismo desde 2001. Atualmente é professor colaborador da USP, representante da área de Arquitetura e Urbanismo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Esses novos ambientes são mesclados ao projeto original, perfeitamente compreendidos pela necessidade contemporânea de integração do público com o equipamento cultural. Nas laterais do *foyer* histórico, foram concebidos novos espaços de convívio e circulação, e há um novo *foyer* voltado para a Praça Roosevelt⁶.

No piso superior haverá um restaurante e um espaço expositivo que serão abertos ao público durante o dia. A sala principal de espetáculos, a ser reconstruída com alta tecnologia acústica, receberá peças de música de câmara que, além de resgatar o público original do Teatro Cultura Artística, atenderão à demanda atual da cidade de São Paulo por espaços estruturados para esse fim. Ainda no andar superior, haverá quatro salas multiuso que serão utilizadas para eventos, ensaios e atividades educacionais, como cursos e palestras.

Quanto às atividades da Sociedade Cultura Artística, relata-se que não foram interrompidas, mesmo após o incêndio que destruiu sua sede. A instituição, desde então, está voltada exclusivamente à música. Em parceria com a Fundação Magda Tagliaferro, criou um programa de bolsas de estudo de música e, atualmente, promove aulas públicas, ensaios abertos, palestras e *masterclasses* que são ministradas no Auditório Ibirapuera, com o objetivo de desenvolver ações socioeducativas, outra necessidade contemporânea de um equipamento cultural.

Até hoje a Sociedade Cultura Artística é uma instituição privada, mantida com doações de pessoas físicas e jurídicas e contribuições de sócios assinantes, patrocinando temporadas de música erudita nacionais e internacionais apresentadas na Sala São Paulo. Para a reconstrução do teatro, a instituição captou 30 milhões de reais em campanhas realizadas desde 2008, valor suficiente para cobrir os gastos com as fundações estruturais. Para a fase de acabamento, a Cultura Artística pretende fomentar doações diretas e captar recursos por meio da Lei Rouanet. As obras de reconstrução do Teatro Cultura Artística possuem término previsto para o ano de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente quando são divulgadas notícias sobre descasos ou tragédias relacionados a patrimônios históricos é que se percebe a importância da preservação dos espaços culturais. Quando bens patrimoniais são depredados, invadidos ou destruídos, como no caso do desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida (edifício tombado, marco da arquitetura modernista e ocupado por moradores irregulares), ocorrido em São Paulo no dia 1.º de maio de 2019, os meios de comunicação produzem grande quantidade de notícias. Jornalistas buscam órgãos públicos, professores e especialistas para fidelizar seus conteúdos, repensar o descaso e propagar a necessidade da preservação dos bens históricos. No entanto há o lado positivo nas questões patrimoniais, uma vez que a cidade de São Paulo possui propostas concretas de tombamento, preservação e restauração de bens culturais. Em 2018, constatou-se que existem 3.072 imóveis tombados pelas autoridades municipais da cidade (DEBBANÉ; LORES, 2018, p. 26). Entre abril de 2016 e março de 2018, cerca de 850 bens foram protegidos em São Paulo, fazendo com que o número de bens tombados na capital paulista crescesse 47% em dois anos (MENGUE, 2018).

Problemas sociais e prioridades de investimentos governamentais são os principais pontos sensíveis quando surgem assuntos que envolvem bens culturais, dificultando o desenvolvimento dos programas de preservação do patrimônio. Pesquisadores podem contribuir nesses momentos, assumindo o desafiador trabalho de analisar o cenário sociocultural dos equipamentos urbanos de lazer, buscando incentivar ações públicas ou

⁶ A Praça Roosevelt foi construída na década de 1950, sofreu processo de degradação na década de 80 e foi revitalizada em 2012, na gestão do prefeito Gilberto Kassab.

privadas e inserir a dispersa e tecnológica sociedade. Cabe aos estudiosos atuar, em parceria com os urbanistas, em projetos e ações culturais, apropriando-se de uma leitura diacrônica, de um detalhamento do conteúdo social em que se encontra o espaço cultural, a fim de decifrar: o que significa a cidade e o sujeito que nela vive, naquele exato momento.

Destacar a trajetória do Teatro Cultura Artística como instrumento de estudo é buscar a possibilidade de assistir à “elaboração de um espetáculo” que está prestes a estreitar seu “terceiro ato”: protagonizado por Paulo Bruna, a partir dos originais de Rino Levi e Di Cavalcanti. É debruçar-se sobre as ações de uma instituição privada que se molda de acordo com as mudanças culturais de cada época: em que nasce, deteriora, aluga, retoma, brilha, queima e se reconstrói sob patrimônio cancelado. O novo Teatro Cultura Artística busca inserir-se na estética contemporânea por meio de suas propostas socioeducativas, ao mesmo tempo em que retoma seu escopo inicial: a música erudita. Realizar este estudo é ter oportunidade de acompanhar um projeto de reconstrução e revitalização patrimonial desenhado para que a cidade de São Paulo resgate mais um espaço histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Ivan. **85 anos de cultura: história da Sociedade Cultura Artística**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937**. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: maio 2019.

CAMPOS, Candido Malta; SIMÕES JR., José Geraldo (org.). **Palacete Santa Helena**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2003.

CHOAY, Françoise. **As questões do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO – CONPRESP. **Resolução n.º 14/2011**. São Paulo, 3 dez. 2011. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/teatro-cultura-artistica-conpresp.pdf>. Acesso em: maio 2019.

CULTURA ARTÍSTICA. Disponível em: <http://www.culturaartistica.com.br/>. Acesso em: maio 2019.

CULTURA Artística: elogios de Mário de Andrade. **O Estado de S. Paulo**, 24 jan. 2002. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,cultura-artistica-elogios-de-mario-de-andrade,20020124p5112>. Acesso em: nov. 2018.

DEBBANÉ, Livia; LORES, Raul Juste. Antes que seja tarde. **Veja**, São Paulo: Editora Abril, 12 set. 2018.

GULLAR, Ferreira *et al.* **Di Cavalcanti – 1897-1976**. São Paulo: Pinakothke, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Carta de Veneza**. Veneza, 1964. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta de Veneza 1964.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta_de_Veneza_1964.pdf). Acesso em: maio 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Extrato das decisões da 81.ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural**: Processo n.º 1603-T-10. Brasília, 25 nov. 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Extrato_da_81ª_Reuniao_do_Conselho.pdf. Acesso em: maio 2019.

I-PATRIMÔNIO. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/?p=39%20-%20!/map=38329&loc=-23.549199130000005,-46.64593347,17#!/map=38329&loc=-23.549199130000005,-46.64593347,17>. Acesso em: maio 2019.

MENGUE, Priscila. Número de bens tombados na capital paulista cresce 47% em dois anos. **O Estado de S. Paulo**, 31 mar. 2018. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-bens-tombados-na-capital-paulista-cresce-47-em-dois-anos,70002248973>. Acesso em: jul. 2019.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória**: algumas observações. S.d. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf>. Acesso em: jul. 2019.

OFICINA DE MOSAICOS. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/oficinademosaicos/about/?ref=page_internal. Acesso em: jun. 2019.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Projeto Triângulo SP vai revitalizar Centro Velho de São Paulo**. 27 dez. 2018. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/obras/noticias/?p=269418>. Acesso em: maio 2019.

RIBEIRO, Antônio Sergio. São Paulo, 460 Anos – parte 5. **Assembleia Legislativa de São Paulo**, 24 jan. 2014. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=355000>. Acesso em: maio 2019.

SALA SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.salasaopaulo.art.br/home.aspx>. Acesso em: dez. 2018.

SÃO PAULO (ESTADO). Poder Executivo. **Diário Oficial de São Paulo**: seção 1, p. 90, 3 set. 2009. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Teatro-Cultura-Art%C3%ADstica-res.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

SERAPIÃO, Fernando. Rino Levi: racionalista dos trópicos. **ArcoWeb**, 1.º dez. 2001. Disponível em: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-rino-levi-o-racionalista-dos-tropicos-01-12-2001>. Acesso em: maio 2019.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.